

Opinião

Crédito e custeio: há opções?



João Sampaio*

O DEBATE sobre o financiamento da agropecuária brasileira é tão antigo quanto a lei que criou o Sistema Nacional de Crédito Rural, esta datada de 1965. Ambos os temas precisam ser refletidos e revistos sob a luz da nova dinâmica da produção agrícola. Além dos instrumentos disponíveis no mercado, desde papéis financeiros à participação das *tradings* no financiamento da nossa agricultura, temos assistido ao desenvolvimento das cooperativas de crédito agropecuário.

Para iniciar a discussão, duas afirmações que credenciam esta modalidade creditícia de sucesso. Começa pela diferença entre cooperativa de crédito e banco; a primeira é uma associação de pessoas e não de capital. Outro ponto importante é que o cooperativismo de crédito é um dos melhores mecanismos de distribuição regional de renda, pois os ganhos para os associados representam geralmente investimentos e melhorias para os cooperados e para as suas comunidades locais.

Esta modalidade está em crescimento no Brasil, e ao redor do mundo temos inúmeros casos bem-sucedidos no setor agropecuário e nas demais áreas. Hoje, a França é líder na participação das cooperativas de crédito no mercado financeiro e, principalmente, por meio do Credit Agricole Group, que trabalha diretamente com os produtores rurais daquele país. Em segundo lugar, está o Japão, representado por duas de suas maiores instituições de crédito: o Norinchukin Bank e pelo Shinkin Central Bank. Dentro do espectro de concorrentes no mercado internacional agrícola, a China ocupa a quinta posição em ativos financeiros e a primeira colocação em número de associados. Outro competidor do agrogêocio, o Canadá ocupa a nona posição, com o Sistema Dejardins de cooperativas de crédito, situado no Estado de Quebec, que atende a 73% da população local.

Os exemplos de sucesso pelo mundo se espalham, e entre os 50 maiores sistemas bancários do mundo seis são bancos cooperativos, representados por: Credit Agricole, Rabobank,

Natixis, Norinchukin Bank, Dz Bank e Credit Mutuel. No Brasil, temos 1.370 cooperativas de crédito e alcançamos no *ranking* mundial o décimo quarto lugar.

No setor agropecuário, o crescimento é exponencial, porém, mais importante é a qualidade das instituições. Nas regiões Sul e Sudeste, as cooperativas de crédito são referências do ponto de vista financeiro e social dentro do sistema cooperativista.

Eu sou associado à Credicitrus, nossa maior cooperativa de crédito, detentora de sucessivos desempenhos positivos e também de uma classificação de nível de risco (a chamada “escala de *rating*”) de A3. Seus lucros são classificados como “sobras”, com fatias distribuídas de forma equânime entre os seus associados.

As vantagens deste sistema também estão no baixo custo de captação dos recursos, com desoneração de PIS-Cofins, IOF, CSLL e IR nas suas operações. Além disso, o sistema cooperativista, pago por todos conjuntamente, precisa trabalhar com baixo custo administrativo e quadro de funcionários reduzido.

Uma cooperativa de crédito forte é capaz de contornar problemas de financiamento de uma atividade regional. Muitas vezes, elas são determinantes até na dinâmica social da sua comunidade. Se o produtor rural entender que a sua cooperativa de crédito é parte do seu patrimônio e não um simples insumo, a tendência é o financiamento da nossa agricultura se tornar, cada vez mais, ligado à nossa atuação, sem depender de macroeconomia ou decisões governamentais, que muitas vezes podem trazer instabilidade de crédito para o produtor. É tão importante quanto esta conscientização, é o produtor fiscalizar a utilização dos recursos da cooperativa e cobrar decisões colegiadas. Portanto, há opções, temos de ter o necessário engajamento e participação. ■

*Produtor rural e Secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo